

## LUZES, CÂMERA E AÇÃO: uma idéia na cabeça e a câmera na mão!!!<sup>1</sup>

Márcio Romeu Ribas de Oliveira<sup>2</sup>

### Resumo Abstract

Este texto apresenta de forma sintética os elementos conceituais assim como as situações vivenciadas e experimentadas pelas crianças e jovens, e seus desdobramentos com os meios (fotografia, filmagem e edição), tendo como pano de fundo a Educação Física na escola, e que constituem o relato de uma pesquisa-ação.

Palavras-chave: Educação, Educação Física e Mídia.

This text presents in the form of synthesis conceptual elements, such as situations lived and experienced by children and youth, and their encounters with the media (photography, filming and editing), having as a backdrop Physical Education in the school, and constitutes a report on research-action.

Key words: Education, Physical Education and Media.

O texto que começa agora é o meu olhar sobre aquilo que fiz, num tempo e espaço que não se conjugam mais; ou então, que estão sendo gerados a partir de tudo isso que experimentei. Ele me propicia refletir sobre as imagens que percorrem o nosso cotidiano, em especial a Educação Física na escola. A problemática vai na direção de que é possível trabalhar com os meios na escola, e que essas situações<sup>3</sup>, são interessantes para a discussão do discurso midiático, entre professores e alunos, educadores e educandos na escola. A utilização dos meios interfere nos processos comunicacionais de crianças e jovens, pois é 'lugar-comun' se falar em "sociedade da imagem", "mundo de imagens", "sociedade virtual"; entretanto e paradoxalmente nos espaços educativos esse tema parece um tanto obscurecido. É claro que não podemos atribuir um papel "messiânico" ou "redentor" das mídias na escola, mas acreditamos que a inserção desses meios possibilitaria novos saberes/fazer, que são vivenciados e experimentados fora da escola. Como comenta

Genevieve Jacquinet, eles concorrem e atraem mais que a escola, educando paralelamente as pessoas, fazendo o papel da escola do mundo, fonte primeira do conhecimento. A autora menciona em seu texto a figura do Educomunicador, para ela "o professor do século XXI". Não partimos de um olhar "apocalíptico", tampouco "integrado", até porque os estudos nessa área nos orientam para o campo do sujeito-receptor, como lê essas imagens, como elas se proliferam nos processos comunicacionais e são ressignificadas pelos sujeitos envolvidos. Essas informações produzidas e veiculadas pelos meios são uma das principais fontes de comunicação e educação nos países da América Latina (Bentes, 1997).

Para a inserção no campo de estudo, utilizamos como metodologia investigativa, se assim possamos chamar a "pesquisa-ação", articulada na forma de Oficina, baseada na interação, na comunicação e no diálogo das crianças e jovens com esses meios. Esses aspectos, constituintes do "campo"<sup>4</sup> são as imagens que foram "imaginadas" para com-

---

por o cenário do trabalho. A fotografia digital e a filmagem foram utilizadas como registro do trabalho de pesquisa e também como elemento didático para a constituição das “experiências no olhar”, enfim método de pesquisa e didático.

Essas percepções foram os primeiros olhares, que partem de um aporte teórico no pensamento de autores como Walter Benjamin e Guy Debord; o primeiro, com as suas idéias de experiência e vivência, sentidas nas passagens do humano na cidade moderna; e o segundo, com as situações revolucionárias, pensadas pela Internacional Situacionista<sup>5</sup>, que se constituíram no “desca-minho” desses meios, implementados pelo professor-pesquisador. No que se refere à educação e as utilizações desses meios nas interações educativas, nos orientamos nas idéias propostas por Maria Luíza Belloni, sobre Mídia-Educação e de Ismar Soares sobre Educo-municação, diálogos estes produzidos no calor das relações que acontecem nos campos científicos da educação e da comunicação, assim como da comunicação e da educação.

Dessa forma, para a educação física não seria diferente o in-

teresse de professores que refletem a “mídia” e as “mídias”<sup>6</sup> nos saberes/fazer da Educação Física, pois as manifestações da cultura de movimento não estão isentas das apropriações e reorientações que o discurso midiático promove em nossas relações corporais, que podem ser visualizadas em academias na busca do corpo perfeito e homogêneo, ou no discurso em que tudo é esporte. O esporte dos mídias pode ser entendido como um “telesporte”, realidade textual autônoma, que se autonomiza da realidade, idéia defendida pelo professor Mauro Betti (1998). Outro ensaio do professor é igualmente importante para entendermos esse fenômeno - “O que a semiótica inspira no conhecimento da Educação Física” (Betti, 1994). Essas posições são corroboradas por outros autores como o professor Giovani De Lorenzi Pires, que se preocupa com a substituição da experiência formativa pela vivência eletrônica; assim como as relações pouco transparentes que o esporte mediatizado tem com o mercado. Igualmente o professor Alfredo Feres Neto, cujas teses nos orientam no sentido da “virtualização do real”

e de “subjetivação” e “objetivação” dessas linguagens no espaço da Educação Física escolar. Essas três posições, entre vários estudiosos desse tema, nos orientaram no sentido de experimentar a relação das crianças e jovens com os meios na escola. Partimos do pressuposto de que a mídia na escola pode ser percebida tanto como objeto de estudo quanto como ferramenta pedagógica (Belloni, 2001).

Nesse sentido, um olhar para a experiência sentida na relação dessas duas formas de interação das crianças e jovens com os meios, o que tornou o processo de intervenção educativa e de pesquisa imprevisível, e que nos possibilita relacionar os saberes e fazeres das práticas corporais na escola. A possibilidade de filmar, fotografar, desenhar o esporte na escola se apresenta como mais uma forma de dimensão do esporte, um outro esporte, transformado em imagem. Para Betti, o esporte não se materializa somente na prática objetiva, mas se alarga nos diversos espaços e situações em que se materializa, como nas figuras de chiclete, em videogames, filmes e fotografias, todas elas novas formas de nos relacionarmos com as manifestações es-

portivas. A esse respeito, é preciso fazer uma ressalva, referenciada nas dimensões estética, ética, documental e autoral sobre as imagens<sup>7</sup>, que é no sentido de uma duplicidade que acompanha o debate sobre as imagens, as quais seriam falsas ou verdadeiras?

Nesses descaminhos, baseados em Benjamin, Debord e nos situacionistas, educadores e comunicadores experimentam na Educação Física na escola: “pretendíamos emprestar o olhar do outro para tecermos uma leitura desse nosso olhar”, e assim a “câmera na mão”, foi o fio condutor desse processo. Atividades com fotografia, vídeo e edição digitais, entrelaçados com conversações, deram o tom da Oficina; fotografamos fragmentos de nosso corpos, sorrisos, mãos, corridas, saltos, manifestações esportivas, passeios ao cinema, o espaço da escola, seus estudantes, a comunidade em se insere; enfim brincamos com a possibilidade de liberar o olhar através da técnica, e de olhar as práticas corporais com o auxílio da técnica. Nessa brincadeira de experimentar os olhares, a idéia central era a produção de materiais em vídeo. Disso tudo surgiram dois vídeos, produzi-

dos pelos estudantes Naiara da Costa e Raul Laureano<sup>8</sup>.

Naiara produziu o vídeo "Brincadeiras", no qual conduz uma narrativa com a primeira série do ensino fundamental, nos tempos e espaços de suas brincadeiras na sala de aula, no pátio na hora do recreio, nas aulas de Educação Física. Vídeo que nos leva a refletir sobre a dimensão "tradicional" do conhecimento em Educação Física, na intenção de disciplinar e automatizar as diversas manifestações da cultura de movimento, esquecendo de aproximar as relações produzidas pela cultura das crianças e a cultura do educador. É evidente a manifestação que ocorre em outros espaços de relacionamento das crianças, como no pátio na hora do recreio, situações que são merecedoras de atenção; como a organização livre e espontânea das brincadeiras, e a produção de brincadeiras despertadas pela curiosidade da câmera naquele espaço diferenciado. Crianças nos seguiam e pediam para que fossem filmadas, acabamos sendo o principal argumento do recreio, a imagem se apresentou como um potencializador de algumas situações, entendidas como "miméticas-imagéticas" construídas com a nossa presença,

para Benjamin a exigência de ser filmado. Em outros momentos é possível reconhecer esse universo brincante das crianças, entre bonecas e elásticos, carrinhos e peões, bonecos de seriados japoneses e misturas "gelatinosas" da moda, presenciando assim as diferenças que percorrem a cultura da infância dessas crianças e nos convidam a percorrer as "passagens" de suas infâncias - o que pode ser visto como "pista" da inserção desses meios em interações educativas, como elemento problematizador e de pesquisa sobre a realidade e o imaginário dessas crianças. Há também uma ligação dos direitos das crianças e o brincar, que é o final do vídeo, no qual uma criança ressalta o direito das crianças brincarem.

No vídeo produzido por Raul, a música orienta nossos olhares, já que foram escolhidos trechos de músicas que tivessem o futebol como tema, pois o vídeo de Raul teve como objetivo mostrar o time do Bangu, da comunidade do Rio Tavares. Raul filmou seus treinos, seus jogos, entrevistou os colegas para saber de seus sonhos e aspirações com o futebol. É latente a ascensão social como motor desses sonhos. Os jovens se espelham em

seus ídolos e transformam do jogo de bola um trabalho e do jovem-aprendiz no esporte um trabalhador. Nesse sentido, é preciso orientar discussões na escola que possam pluralizar as dimensões do esporte, e que essa funcionalização do esporte como trabalho não seja hipostasiada, e que de alguma forma possamos construir novas formas de interação através do esporte. O esporte, antes de ser trabalho, é uma construção cultural da modernidade e, como moderno, expressa muito das questões que se proliferaram nesse tempo, como racionalização, individualização e competição. Entretanto, o que percebemos com a inclusão dos meios é que é possível redimensionar a prática educativa na escola, e que os meios são parceiros importantes no contemporâneo.

Outro ponto a ser ressaltado é no que diz respeito à participação das crianças e jovens em todo o processo de construção desses materiais, da captação à edição final, a participação deles foi essencial, pois acreditamos que os aspectos que envolvem essas questões das mídias e a sua interação educativa podem ser “ofuscadas” e “descentradas” com a aproximação

das crianças e jovens; e também ser um conhecimento experimentado em sua totalidade.

Nessas relações entre o professor-pesquisador e os sujeitos-pesquisados, os meios técnicos mediaram novas formas de olhar o que está acontecendo no espaço da escola quanto às manifestações da cultura de movimento. Remetemos a refletir sobre os seus dilemas - eminentemente competitivas e de caráter excludente - , e assim reorientar nossas possibilidades de intervenção que privilegiem outras manifestações na escola, como o lúdico e a experiência sentida em relação a cultura de movimento de crianças e jovens.

Num primeiro momento, entendemos a utilização dos meios como experiência subjetiva, com a apreensão da técnica e do registro pelos sujeitos que participaram das experiências em relação as práticas corporais, percepção essa que se orienta nas dimensões estéticas e na criatividade<sup>9</sup>. Num segundo momento, para olharmos as manifestações da cultura de movimento na escola, os tempos e espaços nas aulas de Educação Física, que nos fazem entender quais práticas se vislumbram no espaço da escola; como se or-

ganizam; quem participa das aulas; relações de gênero, entre outras possibilidades. Num terceiro momento, como registro do espaço da escola, quais os espaços que são utilizados para a prática corporal; como é o espaço educacional da Educação Física na escola. Por fim, como registro da produção do professor-pesquisador que desenvolve as ações educativas na escola, que registra as situações que organizam a prática pedagógica do professor.

Esses relatos preliminares têm como objetivo apresentar as possibilidades da imagem na escola, como elemento didático, científico e estético, sem a intenção de se constituir em receituário sobre a utilização desses meios na escola, até porque acreditamos que a experiência seja uma dimensão que envolve os sujeitos nas interações com caráter educacional, e se materializa pelos processos de diálogo e comunicação, como afirmava Benjamin.

Para concluir, vale destacar o inestimável apoio técnico fornecido pelo Laboratório de Mídia (LABOMÍDIA) do Centro de Desportos /UFSC e pelo acadêmico de Educação Física Diego Mendes, bolsista do Laboratório, na produção e edição dos vídeos.

## Referências

- BELLONI, M. L. O que é mídia-educação. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BENJAMIN, W.O narrador. In: Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1980a.
- \_\_\_\_\_. Sobre alguns temas em Baudelaire. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980b.
- \_\_\_\_\_. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, F.(org.). Walter Benjamin: Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1991 a.
- \_\_\_\_\_. Pequena história da fotografia. In: KOTHE, F.(org.). Walter Benjamin: Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1991b.
- \_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BENTES, I.. Globalização eletrônica e América Latina. In: MENEZES, P. Signos Plurais. São Paulo: Experimento, 1997.
- BETTI, M. Janela de vidro: esporte, televisão e educação física. Campinas:Papirus, 1998a.
- \_\_\_\_\_. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. Discorpo 3, outubro, p.25-45, 1994.
- DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de janeiro: contraponto, 1997.
- FERES NETO, A. Produção de subjetividades, subjetivação e objetivação: algumas contribuições de Felix Guattari e Pierre Lévy para a Educação Física. Revista Motrivência, nº17, p. 69-84, setembro de 2001.

- GRABAUSKA, J. C. ; BASTOS, F. DA P. DE. Investigação-ação: possibilidade crítica e emancipatória na prática educativa. In: MION, R. A. E SAITO, C. H. Investigação-ação: mudando o trabalho de formar professores. Ponta Grossa: Planeta, 2001.
- JACQUINOT, G. O que é um educador? Papel da comunicação na formação de professores. Disponível on-line <http://www.artesdobrasil.com.br/genevieve.html> consultado em 05/04/2002.
- PIRES, G. L. Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Editora Unijuí. 2002a.
- \_\_\_\_\_. A mediação tecnológica do esporte como substituição da experiência formativa. Corpo-consciência. 1º semestre de 2002b, p. 23-39, 2002b.
- SOARES, I. O. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Disponível on-line <http://www.eca.usp.br/nucleos/nce> consultado em 05/04/2002.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

Contato: [marciromeu32@hotmail.com](mailto:marciromeu32@hotmail.com)

Recebido: maio/2004  
Aprovado: julho/2004